

## MULTICULTURALISMO LINGÜÍSTICO: O USO DA LÍNGUA NOS DIFERENTES CONTEXTOS SOCIAIS

*Janete Araci do Espírito Santo* (UENF)

[janeteesanto@hotmail.com](mailto:janeteesanto@hotmail.com)

*Liliane Ribeiro Moreira* (SEEDUC)

[moreiraliliane@yahoo.com.br](mailto:moreiraliliane@yahoo.com.br)

*Suélly Lima dos Santos* (UENF)

[suelsster@gmail.com](mailto:suelsster@gmail.com)

*Bianka Pires André* (UENF)

[biankapires@gmail.com](mailto:biankapires@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir acerca da linguagem nos diferentes contextos, de que forma ela está relacionada aos conflitos sociais e como esses conflitos podem ser identificados através da língua. Sabe-se que a linguagem é uma prática sociocultural inserida nas relações de poder da sociedade e entende-se que ela é considerada a capacidade humana de articular significados coletivos, objetivando a produção de sentido por meio de diferenciadas formas de leituras, promovendo as ressignificações das palavras e das imagens. Em qualquer momento e lugar, onde existe vida, existe comunicação. Se se aceita que o homem é um “ser social”, a boa ou má capacidade de comunicação é que irá definir sua sociabilidade. O grande objetivo da comunicação é o entendimento entre os homens e este entendimento se dá por meio da linguagem. Assim sendo, para realização desse estudo, recorreram-se aos teóricos como: Hjelmslev, Soares, Bagno, Possenti entre outros, que nortearam a construção da pesquisa.

### Palavras-chave:

Linguagem. Conflito social. Pluralidade cultural. Educação. Identidade.

### 1. Introdução

Desde o início da humanidade, num tempo em que ainda não havia uma exata concepção das palavras como hoje, o homem já possuía a necessidade de se comunicar. Ele demonstrava sua maneira de ver o mundo físico, como também expressava suas sensações: fome, insegurança, medo, tristeza, através sons vocálicos emitidos sem que fosse seguido nenhum sistema organizado de signos destinados à comunicação.

O seu questionamento a respeito de sua existência, da formação do universo, dos mecanismos que regem os fenômenos naturais, da expressão e do funcionamento do pensamento, enfim, a respeito de tudo que o cerca e que aguçava sua curiosidade. Essa necessidade de entender tais questões gerou outra necessidade: a de registrar respostas. E é pela

linguagem que o homem materializa seu discurso, podendo assim, expressar essas respostas ou as manifestações a respeito delas.

Desta maneira, pode-se constatar que a linguagem não é resultado de pesquisas no decorrer dos anos. O homem já nasce com habilidade racional e esse instinto, e é por essa capacidade de criar sua própria linguagem o que mais claramente o distingue dos outros seres.

Contudo, como a criação humana tem como essencial a comunicação, não existe sentido criar uma linguagem que não sirva para a comunicação e a interação entre as pessoas.

## **2. A função da linguagem**

A principal função da linguagem é comunicação. Dessa forma, a linguagem é uma prática social, pois permite que o homem interaja e viva em sociedade. Além disso, a linguagem por seu caráter social está inserida nas relações de poder da sociedade. A linguagem é imprescindível para sobrevivência do homem em sociedade.

Sobre essa análise, o linguista dinamarquês, Louis Hjelmslev, considera que:

A linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade, seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana. (2006, p. 1)

As linguagens são formadas por sinais criados pelo homem para representar seu universo interior e exterior, e com a consciência de que existem outros homens que poderão compreendê-lo e fornecer-lhe uma resposta a respeito dos significados transmitidos. Constituem verdadeiros códigos que somente terão sentido se existirem indivíduos que os compreendam, entendam seu significado, seu mecanismo, caso contrário, permanecerão indecifráveis e inúteis.

Segundo Magda Soares,

(...) o papel central atribuído à linguagem numa e noutra ideologia explica-se por sua fundamental importância no contexto cultural: a linguagem é ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão. (1997, p. 16)

A linguagem usada consciente ou inconsciente é resultado dos

conflitos sociais que são projetados na língua, e só existe porque existem falantes, permitindo interação e comunicação.

A linguagem envolve várias possibilidades para que se efetive a comunicação verbal ou não verbal. Essa linguagem possui diversos usos, sendo heterogênea e atemporal.

Mas o que é a língua? (...) ela não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, (...). É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 1979)

A língua é parte da linguagem e é a partir da língua que há a sistematização destes usos, evidenciando seu caráter social. “É a fala que faz evoluir a língua”. (SAUSSURE, 1979)

Segundo o autor, o objeto da linguagem é a língua em si mesma. Define três campos distintos e interligados:

- Físico (som);
- Fisiológico (linguagem é resultado de uma fonação);
- Psíquico (é o resultado de uma operação psíquica de conceitos a uma imagem acústica).

Saussure inaugurou a linguística estruturalista, que se preocupa em estudar a língua em si mesma, como um sistema autônomo, sem levar em conta os fenômenos sociais implicados no uso desse sistema. Criou o método *sincrônico*, em detrimento ao *diacrônico*. O método sincrônico consiste no estudo da língua num determinado ponto da evolução. O método diacrônico consiste no estudo da língua em sua evolução histórica.

### **3. A língua e a diversidade cultural**

O padrão da língua que ainda se ensina na escola e que é veiculado pelas gramáticas normativas e pelos livros didáticos deixa de incluir, por puro preconceito, muitos aspectos que já caracterizam a língua falada pelos brasileiros, inclusive pelos brasileiros cultos.

A escola já difere aqueles que lá entraram dos que não têm acesso a ela. Como uma instituição delimitadora, “ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui”. (LOURO, 1997, p. 58)

Mas, a escola, assim como a sociedade e a mídia em geral, ainda não evidencia os problemas do preconceito. Tudo se passa como se a sociedade fosse ausente de preconceitos e tratando de forma igual indivíduos e grupos de indivíduos das mais diversas origens sociais e culturais.

Comandada pelos fios do preconceito e do poder, a escola reproduz o mito da unidade linguística, a exaltação da norma culta como instrumento de ascensão social.

O MEC reconhece que o Brasil possui uma enorme diversidade cultural, pregando que devemos conhecê-la e respeitá-la. Segundo os PCN (1997, p. 31) “as discriminações praticadas com base em diferenças ficam ocultas sob o manto de uma igualdade que não se efetiva”. De acordo com o referido documento, o desafio que se coloca é o de “a escola se constituir um espaço de resistência, isto é, de criação de outras formas de relação social e interpessoal mediante a interação entre o trabalho educativo escolar e as questões sociais, posicionando-se crítica e responsabilmente perante elas”. (BRASIL, 1997, p. 52)

Os PCN de língua portuguesa, assim como os de pluralidade cultural, reconhecem a existência de variantes linguísticas, que devem ser respeitadas, pois não há um modo certo ou errado de falar. Há o reconhecimento da língua como veículo de transmissão de cultura, de valores, de preconceitos. Segundo os documentos do MEC, saber falar ou escrever bem é falar ou escrever adequadamente, sabendo qual variedade usar empregando determinado estilo, esperando determinadas reações.

Acordo com os PCN,

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. (...) A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 31-32)

Então surge a seguinte questão: como ter certeza de que será produzido *tal efeito*, se se escreve ou fala-se de pessoas diferentes?

Como diz Marcuschi:

O principal não parece apenas dizer as coisas adequadamente, como se os sentidos estivessem prontos em algum lugar cabendo aos falantes identificá-los. (...) [a escola] deveria fazer o aluno exercitar o espírito crítico e a capacidade de raciocínio desenvolvendo sua habilidade de interagir criticamente com o meio e os indivíduos. (MARCUSCHI, 1997, p. 44)

O Brasil é uma nação constituída por uma variedade de grupos étnicos com histórias, saberes, culturas e, na maioria das situações, línguas próprias. Ora, acredita-se que uma cultura é dinâmica e não deve ser vista como fixa no tempo, passível de ser preservada. A não aceitação de que se tem nações socialmente diversas compromete a nação de Brasil como uma entidade nacional. Dizer que há uma língua certa ou errada é inculcar uma ideologia, uma vez que a língua é um fenômeno variacional.

A língua culta não exclui ninguém, porque ela é somente uma abstração. Quem exclui são os que acham que falam uma variedade linguística superior, assim considerada somente porque ocupam os lugares de prestígio e destaque na sociedade.

O apego à tradição nos dias de hoje realça a existência de um preconceito linguístico profundamente arraigado na cultura do nosso país. Na verdade, o preconceito linguístico é somente um disfarce para o exercício de outros preconceitos contra os mais pobres, e uma justificativa para perpetuar a gigantesca injustiça social que existe no nosso país.

Também não se levam em conta as variantes do português em contato com idiomas estrangeiros nas colônias de imigrantes. Por fim, não são consideradas todas as variantes linguísticas do português, sejam regionais ou sociais. Ainda dá *status* falar “corretamente”, na ideia ingênua de que a língua dita culta é uma ponte para a ascensão social. Quem não domina a variante padrão é marginalizado e ridicularizado na hora de preencher uma vaga profissional, num concurso vestibular, numa situação de conferência, na escola.

Essa variante padrão, no entanto, é reservada a uma ínfima parte da população brasileira (a mesma que detém o poder econômico e político). Não é difícil perceber que o modo de falar “correto” é aquele dessa elite e que o modo “errado” é vinculado a grupos de desprestígio social. Há no Brasil uma “mitologia” do preconceito linguístico, que prejudica toda a nossa educação e nossa formação enquanto cidadãos para além de um termo teórico. (BAGNO, 1999)

A mídia participa ativamente da consolidação da ideologia da gramática tradicional e, por meio dela, do preconceito linguístico. O papel dos meios de comunicação evidencia-se pela força crescente de um movimento que Bagno (2001, p. 29) denomina de *neogramatiquice*.

Para ele, o preconceito linguístico precisa ser reconhecido, denunciado e combatido porque é uma das formas mais perversas de discrimi-

nação.

#### **4. A linguagem como identidade social**

Segundo Bagno (2000, p. 36), “a função mais elementar da linguagem é permitir a comunicação do indivíduo consigo mesmo: é com a língua que pensamos, é nela que sonhamos”.

Por isso, Lacan pôde afirmar: “O inconsciente se estrutura como uma linguagem”. Portanto, “menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou variedade de língua empregada por um ser humano equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo, ridicularizá-lo enquanto ser humano”. (BAGNO, 2000, p. 36)

Mediante essas palavras, percebe-se, então, que a língua é elaborada pela comunidade, é somente nela que é social. A autorrejeição linguística por parte do falante da língua constitui a sua própria identidade.

Todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de perceber e de descrever a realidade, portanto possuem o poder de gozar das condições necessárias para seu desenvolvimento em todas as funções. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, p. 28)

Portanto, é desejável que exista uma variedade padrão necessária para que haja um meio de expressão comum a todas as pessoas, portanto, a norma padrão não deve ser ensinada como uma única variedade existente, mas como outra variedade, que a pessoa poderá utilizar e enriquecer sua bagagem linguística.

#### **5. As convergências no ensino da língua**

A educação está fundamentada na dimensão humana e sociocultural que procura enfatizar formas de interação positivas, possibilidades, apoio às dificuldades e acolhimento das pessoas, tendo como ponto de partida a escuta dos alunos, pais e comunidade escolar.

Essas dimensões fazem nosso olhar convergir para o interior da escola, fazendo então surgir a necessidade de se compreender quais seriam as reais dificuldades que os alunos encontram na sala de aula.

O que significa realmente *educação para todos*? Significa reconhecer que, a exemplo do que diz a Declaração de Salamanca:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. (BRASIL, 1994, p. 61)

Desta maneira, ressignificar a escola na proposta de uma educação para todos implica considerarmos muitos aspectos que compõem o cotidiano escolar.

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença.

Buscar estratégias que se traduzam em melhores condições de vida para a população, na igualdade de oportunidades para todos os seres humanos e na construção de valores éticos socialmente desejáveis por parte dos membros das comunidades escolares é uma maneira de enfrentar essa situação e um bom caminho para um trabalho que visa à democracia e à cidadania.

Diante desse quadro situacional, pretende-se recriar a escola para que ela seja a porta de entrada das novas gerações para o mundo plural em que já estamos vivendo. Nesse sentido, acredita-se que, de antemão, as mudanças educacionais exijam que se repense a prática pedagógica tendo como eixos a ética, a justiça e os direitos humanos.

Se quisermos realmente transformar nossas escolas, devemos repensar o seu papel quanto ao ensino da língua materna.

(...) o papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade (...). É um direito elementar de o aluno ter acesso aos bens culturais da sociedade, e é bom não esquecer que, para muitos, esse acesso só é possível através do que lhes for ensinado nos poucos anos de escola. (POSSENTI, 1996, p. 83)

O mais importante, talvez, seja a postura do professor - pesquisador em eterno processo de aprendizagem disposto a interagir com seus leitores, para rever e reformular permanentemente suas atitudes pedagógicas frente aos inúmeros enfrentamentos linguísticos.

## **6. Algumas considerações**

Certamente, um professor que engendra e participa da caminhada do saber com seus alunos deve debruçar-se sobre material de língua viva

e autêntica, desenvolvendo a prática da leitura e da escrita, da releitura e da reescrita.

Pontos cruciais do ensinar a *todos* são o respeito à identidade sociocultural dos alunos e a valorização da capacidade de entendimento que cada um deles tem do mundo e de si mesmo. Sem dúvida, é a heterogeneidade que dinamiza os grupos, que lhe dá vigor, funcionalidade e garante o sucesso escolar.

A conscientização da mudança é necessária, bem como a revisão de papéis e a reflexão sobre os mesmos. O objetivo é atender à diversidade que há nas escolas e refletir sobre a singularidade de cada um de nós no trabalho educativo.

Talvez seja este o nosso maior mote: fazer com que todos entendam que a escola é um lugar privilegiado de encontro com o outro. Este outro que é sempre e necessariamente diferente.

Conviver com os paradoxos do mundo contemporâneo, de forma consciente, pode ser um caminho para transformar a educação em poderosa arma no combate às exclusões.

Nesse sentido, vivencia-se no mundo contemporâneo, o imediatismo da informação que nos remete à reflexão sobre as linguagens e seus sistemas marcados por múltiplos códigos, que é mais que uma necessidade, é uma garantia de participação ativa na vida social, ou seja, a tão desejada cidadania. A gama de conhecimentos, saberes prévios oriundos dos grupos sociais em que um ser humano convive, precisa ser colocada em relevo, precisa ser privilegiada para que esse se sinta inserido, incluído verdadeiramente no espaço físico denominado "sociedade".

Dessa forma, a norma culta urbana não pode ser adquirida à custa do massacre da identidade primeira, pois é no período escolar que a maioria das pessoas toma contato com outras culturas e outros grupos sociais. Nesse rico ambiente de diferenças, o que se evidencia é o tratamento preconceituoso, repleto de desinformação por parte dos profissionais que atuam nos contextos escolares, assim como também a discriminação sem fronteiras na sociedade em geral.

Portanto, a escola se apresenta como uma oportunidade ímpar na discussão de preconceitos e injustiças sociais e, é através da linguagem que se rompe as barreiras sociais, incluindo os homens no lugar que lhe é de direito: a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Dramática da língua portuguesa*. Tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Loyola, 2000.

BRASIL, Ministério da Ação Social. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: MAS/CORDE, 1994.

BRASIL, MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, n. 9.394/96, Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LOBATO, L. Linguística e linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Sintaxe gerativa do português: princípios da gramática modular*. São Paulo: Contexto; Belo Horizonte: Vigília. 1986.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCUSCHI, L. A. Concepções de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus. Uma visão crítica. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, n. 30. Campinas: Unicamp, 1997.

MATEUS, Maria Helena Mira; VILLALVA, Alina. *O essencial sobre a linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: ABL, Mercado de Letras, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 1979.

SOARES, Magda. *Uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1997.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SUASSUNA, Lívia. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*. Campinas: Papirus, 1995.

TERRA, Ernani. *Linguagem, lingual e fala*. São Paulo: Scipione, 1997.

WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.